

Nuno Camarneiro
NO MEU PEITO NÃO CABEM PÁSSAROS

Romance





Título: *No Meu Peito Não Cabem Pássaros*
© 2011, Nuno Camarneiro e Publicações Dom Quixote
Edição: Maria do Rosário Pedreira

Este livro foi composto em Rongel,
fonte tipográfica desenhada por Mário Feliciano
Capa: Joana Tordo
Fotografia da capa: *Lisboa 1956*, de Gérard Castello-Lopes
Fotografia do autor: Ricardo Lima
Paginação: Joaquim Santos
Impressão e acabamento: Eigal, Indústrias Gráficas S.A.

1.ª edição: Junho de 2011
Depósito legal n.º 327 149/11
ISBN: 978-972-20-4625-1
Reservados todos os direitos

Publicações Dom Quixote
Uma editora do Grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide • Portugal
www.dquixote.pt
www.leya.com

Exórdio

Nova Iorque

– São quatro segundos, caro amigo, quatro segundos de aflição que não dão para um pai-nosso. O amigo experimente, pai nosso que estais no céu, santificado seja o vosso nome, venha a nós o vosso reino, seja feita a vossa vontade, assim na terra como no PAM!, quatro segundos e o corpo despedaçado contra o cimento. Se quiser continuar a trabalhar aqui, invente uma oração, pense bem no que há-de pedir ao altíssimo, mas que seja em menos de quatro segundos.

Dois homens pendurados por arneses a oitenta metros de altura. Os que trabalham dentro chamam-lhes pardais com uma ironia desnecessária. Quarenta e oito horas semanais de equilíbrio pagas a quatro dólares, um bom emprego para quem acaba de chegar à cidade. A fome mata-se muitas vezes com números de circo, ser equilibrista ou palhaço é só uma questão de oportunidade.

– Quando o mundo foi feito, os homens foram postos na terra de pés assentes e medo das alturas. Os homens não são do alto, como os pássaros e os anjos, a vertigem foi-nos dada pela natureza para que não o esquecêssemos. Os homens que sobem demasiado alto são puxados para baixo pelo diabo, para baixo de tudo, para o inferno que procuram. A força da terra é força do diabo a chamar gente.

Karl tenta não ouvir o colega, concentra-se na janela e no rodo que faz deslizar com precisão. Este é o primeiro dia de trabalho e ensaia um desvelo que não lhe é comum. Por entre os movimentos do braço e o chiar da borracha contra o vidro, há palavras que lhe chegam e ficam às voltas na cabeça. Céu, cimento, diabo, inferno. Karl nunca esteve tão longe do chão em toda a vida, pouca gente esteve. As montanhas do seu país são uma coisa diferente, altas, sim, mas vão subindo devagar. Esta parede é demasiado vertical, como o degrau infinito de uma escada absurda, um degrau que é fácil descer.

– Eu não hei-de cair enquanto o mundo não se virar. Não há diabo que chegue ao santíssimo. Há quase um ano que trabalho nisto e deus nunca me deixou cair, um homem deve precaver-se e foi o que fiz. O pastor deu-me na mão uma pena de anjo, uma pena às cores de um anjo que o foi ver, e eu trago-a cosida ao peito. Esta pena é de puxar para deus. «Cose-a ao peito e nada te pode deitar abaixo, o coração há-de puxar-te sempre para cima enquanto a trouxeres contigo.» Foi o que me disse o pastor antes que eu aceitasse este trabalho. Uma parte do ordenado vai para a igreja, e mais que fosse, o favor de deus não tem preço e até os pardais podem cair sem penas de puxar para cima.

Tremem as pernas a Karl de frio ou medo, a esta altitude não há diferença. O vento anda com eles de manhã à noite, como um cão vadio que não tem para onde ir e se mete pelas pernas de quem trabalha. Karl dá por si a inventar orações, é um exercício difícil, reduzir a algumas frases tudo o que se quer pedir ao criador. Por fim decide-se e repete para si mesmo «Perdoa-me senhor, perdoa-me senhor, perdoa-me senhor...», a fórmula é simples e tem a vantagem de poder ser usada também em quedas pequenas.

Sueson Birea

Um bairro popular, uma rua como outras e ao fundo uma casa com jardim. São dois andares de casa velha com divisões espaçosas e tectos altos. Cinco quartos, uma sala de jantar, uma cozinha, duas varandas e uma sala com livros. O jardim é quadrado, delimitado por um muro baixo e sebes bem tratadas. No meio do jardim, descaído sobre a esquerda da casa, está um pequeno moinho vermelho que chia quando quer.

A tarde é fria e cinzenta, como muitas tardes de Julho em Sueson Birea. O pequeno Jorge não pensa no frio, está deitado sobre a erva e olha para as formigas. Ninguém se atreveria a adivinhar o que pensa. Norah, a irmã, corre pelo jardim atrás de um animal que ele inventou. Jorge gosta de inventar animais, Norah de correr atrás deles. Um cão de três pernas com bigodes de gato e rabo de burro, quando está longe sopra como o vento, de perto não há quem o saiba ouvir. Norah admira o irmão e, por mais que tente, não vê o que ele vê. É talvez dos óculos que ele usa, tem mais olhos do que ela e vê coisas que mais ninguém consegue ver.

De uma janela do primeiro andar, a avó Fanny observa o jardim e os netos. Uma estranha sensação percorre-lhe o corpo, como um arrepio ao contrário, um conforto descontrolado. É uma avó viúva, cheia de histórias que os netos gostam de ouvir. Os netos

ocupam-lhe vazios deixados pelo marido, um homem que morreu numa guerra oblíqua, uma guerra sem ideais ou talvez com demasiados; uma guerra de homens que querem contra homens que também querem, como são sempre as guerras. Em breve soarão as quatro horas e a avó Fanny descerá as escadas para anunciar o chá que tomarão juntos à mesa da cozinha.

Jorge vai olhando as formigas e faz traços num caderno. Sempre que aprende algo novo, Jorge faz traços no caderno. A avó chama-os e o cão de três patas foge para longe. Norah fica triste por alguns segundos, mas depois pensa no lanche e esquece-se. Corre com o irmão para dentro e sentam-se à mesa. Enquanto comem, a avó Fanny põe-se ao lume e canta baixinho uma canção de guerra e de homens perdidos.

Do outro lado da rua, Roberto saiu de casa para não ouvir uma discussão. Tem vestido um casaco mal remendado e encolhe-se a cada rajada de vento. Senta-se no passeio e olha em frente, fixando o moinho vermelho da casa de Jorge. Segue Norah com os olhos sem perceber a que brinca e depois vê a avó Fanny abrir a porta e chamar os netos. Roberto sente o peito apertado e os ombros que tremem. Frio por dentro e frio por fora. De sua casa chegam gritos com o vento, gritos que não o deixam pensar em nada, nem sequer no que sente, muito menos nisso.

O bairro é popular, a rua banal e há uma única casa com jardim.

Oceano Atlântico

Este azul é cor de sítio nenhum. Um lugar que foge aos sentidos por medo e finitude. Olha-se como não vendo, porque é tanto que não cabe em gente. Chamar-lhe mar ou chamar-lhe céu, chamar nomes às coisas que riem de nós e de deus. O mar inventou-nos a nós e depois a deus.

No mar vai um barco e no barco vai um homem por ser, um rapaz que deixa um lugar por outro. Na cabeça do rapaz há muitas ideias misturadas, também contradições e medos e o tempo infinito de tudo o que se desconhece.

O barco é uma cidade lenta de gente incógnita. Pelo convés e pelos corredores, cruzam-se olhos desamparados que se fazem maus porque estão sós e longe. No meio dessa gente vai Fernando virado para dentro e nada o surpreende, nada o pode assustar mais do que já está. É um rapaz que vê a vida mudar de rota, como o barco ou outra coisa grande. Fernando acabou de jantar e fechou-se no camarote, dentro há uma cama pequena, um baú com o que é seu e uma secretária roída onde se pode escrever. Fernando escreve.

Da última vez estavas igual, tinhas já essa cor de ir e vir dentro de ti. Lembro-me, tu sabes que me lembro. Agora eu sou maior e tu continuas como sempre. Ganho eu. Tens vantagens claras, claro que tens, nós estamos de passagem, agarrados ao que ficou e incertos no que será, tu não.

Se eu fechar a escotilha ficas todo lá fora, sozinho contigo, sem deuses que te aturem, és demasiado grande para chegares a mim, não tens dedos que me agarrem nem olhos de ver ao perto. As tuas ondas poderiam ser rugas se eu quisesse, sabes que o posso fazer? És um bruto desajeitado que esmaga os brinquedos e faz birras a fingir ódio. Entretanto nós passamos, baixamos os olhos e rezamos baixinho para que tu vejas e tenhas pena, mas eu rio por entre as rezas e tu não me vês.

Gosto de te ter por perto, assim como estás agora, ao alcance de te querer. Se eu quisesse juntava-me a ti e seria mar também. Mas não quero, ainda não. Tenho os meus deuses para inventar e acredito ainda em cores que não são tuas. Um dia, um dia é o tempo de tudo o que haveríamos de ter sido, e eu ainda tenho dias para mundos maiores do que tu. Se eu quisesse, tu eras um segundo pequeno de uma vida por fazer, sabes que o posso querer?

Agora durmo, agora és noite e tens a cor de tudo o resto (o mar não dorme, pois não?). Não sonhas, mas és sonhado e não há nada que possas fazer.

O tempo das ondas parece-nos curto porque as vidas pequenas que vivemos nos deixam ainda ver tantas. Para o vento as ondas são montanhas azuis. Homens que viajam são o vento de quem espera e de quem fica. Tempo que vai e volta e se esquece no passar. Os homens eternos chamam deuses aos ventos e riem sozinhos ao acordar.

As palavras escritas ficam ali sobre a secretária a baloiçar com o barco nas ondas. Fernando deita-se e fica à espera do sono ou de chorar. Um corpo deitado não espera muito e entrega-se ao que vem.

O barco é uma máquina de mudar vidas, um movimento certo como o tempo. Dentro vão as vidas de gente que chora e dorme e fôrnicar. Um corpo que viaja a velocidade constante perde a noção do movimento mas não esquece que é um corpo, faz o que tem a fazer e depois dorme e é já outro dia e outro lugar.

Nova Iorque

Hoje Karl trabalha sozinho, o colega não aparece há dois dias e os homens que vieram para o substituir acobardaram-se à última. Diz o chefe que é comum, são precisos oito homens para encontrar um empregado.

Karl está agora a limpar a quarta janela. Lá dentro um senhor de fato mostra a uma pequena plateia desenhos e esquemas intrincados. A voz não passa a janela mas, pela expressão, parece estar a vender alguma coisa. Em cima de uma mesa está uma caixa fechada para onde o senhor de fato aponta quando se entusiasma. Os seus gestos são exagerados, quase ridículos, mas eficientes a despertar curiosidades. Um dos membros da plateia levanta-se com ar grave e faz perguntas a toda a sala, há dúvida nos olhos dos compradores. O senhor de fato olha para a janela à procura de inspiração e, assim que vê Karl, os olhos brilham-lhe. Desculpa-se perante a plateia, dirige-se à janela e abre-a.

– Quer ganhar um dólar? Ofereço-lhe um dólar por quinze minutos do seu tempo, só tem de entrar, sentar-se na cadeira e fazer como lhe digo, do resto trato eu.

Karl hesita, mas um dólar é um dólar, dias de trabalho, muitas janelas. Acena com a cabeça, apoia um pé do lado de dentro e solta o arnês. A sala está em silêncio e a plateia apreensiva. O senhor

de fato pede-lhe que se sente e desabotoe a camisa, Karl condescende. A caixa em cima da mesa é aberta e dela saem correias ligadas a fios e a um cubo cinzento com botões.

As correias são apertadas à volta dos pulsos, dos tornozelos e da cabeça de Karl. O senhor de fato dá-lhe algumas instruções em voz baixa e deixa-lhe um olhar de confiança. Karl sente receio mas tem passado muitos dias por cima do abismo, afinal que lhe pode acontecer, despentear-se? O senhor de fato resume o procedimento e enaltece as qualidades da sua invenção, chama-lhe a máquina de dar energias. À pergunta sobre como se sente, Karl responde com cansaço, explica na sua pronúncia estrangeira como é difícil o seu trabalho e quantas vezes se sente demasiado esgotado para continuar. A resposta é sincera e a plateia acredita nas palavras partidas de Karl. Então, o senhor de fato faz uma meia-lua teatral e chega-se ao cubo metálico, dirige um último olhar à sala e começa a premir botões.

De início Karl não sente nada, apenas o zumbido da máquina e o coração a bater depressa. Mas, após alguns segundos, vem-lhe um formigar veloz que percorre todo o corpo, como se tivesse adormecido em cima de si mesmo. A intensidade do formigueiro aumenta e transforma-se em tremor, agora Karl não consegue pensar em nada, apetece-lhe gritar mas a boca não lhe obedece, todas as partes tremem sozinhas, como o rabo cortado de uma sardanisca. O tempo torna-se infinito e Karl só quer que aquilo pare, quer o corpo de volta, mesmo que sobre o abismo. A plateia está assustada com ele e, por entre as pálpebras velozes, Karl vê os rostos tensos que lhe amplificam o medo.

De repente tudo cessa, não se ouve já o zumbido da máquina e a frequência dos tremores vai diminuindo. O corpo amaina e Karl sente-se feliz por ter ainda a sua vida, inspira fundo e repara que tem as calças molhadas, fica confuso e demora alguns segundos a perceber o que aconteceu. O senhor de fato chega-se a ele